



AS CARACTERÍSTICAS PECULIARES DA TEOLOGIA PRÉ-SOCRÁTICA E DA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA ESPECIFICAMENTE NO NEO PENTECOSTALISMO

Elton Vinicius Sadao Tada¹

RESUMO: As expressões religiosas são analisadas desde longínquos tempos e parecem ser sempre motivo de críticas e longos estudos. Aqui fazemos uma dessas análises, comparando a teologia feita por Xenófanés de Colofon, na Grécia antiga, com a teologia feita em nossos dias. As características semelhantes de tais teologias não são poucas, mas nós as restringimos sob um determinado paradigma, a projeção. A projeção que Feuerbach nos ensinou no século XIX parece de fato ter existido tanto na teologia da antiga Grécia quanto na de nossos dias. Xenófanés denuncia a projeção em seu tempo, critica os mitos, os poemas de Hesíodo e Homero, e toda antropomorfização dos deuses, enquanto inúmeros teólogos denunciam projeção e outros fatores na contemporaneidade, como a projeção, dentro do cristianismo, de um Deus que supre justamente as necessidades as quais os fieis necessitam, a busca incessante pelo dinheiro e a intimidade e personalidade extremas de Deus, que também acabam soando como um antropomorfização. As manifestações religiosas de ambos períodos devem ser analisadas cuidadosamente, para que os objetivos alcançados não sejam falácias. Tal empreita não é, sob modo algum fácil, e, através da bases deixada por teóricos predecessores queremos afirmar aqui quais são as características peculiares de tais religiões.

Palavras – chave: Pré- socráticos / neo-pentecostais / Projeção.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo buscamos abarcar as características peculiares da teologia de Xenófanés de Colofon e dos neo-pentecostais de nossos dias. Não queremos fazer tal análise extensivamente, ou seja, analisar toda e qualquer semelhança existente entre tais religiões, pelo contrário, focaremos nossa análise comparativa a um tema central, a projeção. Demais características serão citadas e, desse modo, se tornam passíveis de futuras análises.

Nosso objetivo aqui vai além do óbvio. Compararmos duas religiões tão distantes entre si aponta para um fator: as características aqui analisadas não podem acaso serem comuns a todas as religiões? Ou melhor, em quais momentos da história além desses citados podemos notar uma projeção religiosa? Portanto, se nosso objetivo primeiro de compará-las pode ser facilmente alcançado, o segundo ficará na expectativa de verificação de nós mesmos ou de outros pesquisadores que chegarem a ler nossa proposta. Todavia, elucidar tal dúvida sobre a projeção já parece ser um objetivo bem satisfatório.

¹ Acadêmico do 3º ano do curso de Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR – e do 2º ano do curso de Filosofia na Universidade Estadual de Maringá – Uem. Trabalho finalizado pelo PICC – Projeto de iniciação científica Cesumar, sob orientação do Prof. Ms. Marcelo Aleixo Gonçalves. Atualmente Bolsista do PROBIC – Programa de bolsas para Iniciação científica do CESUMAR. Orientador Prof. Dr. Robert Stephen Newnum. eltontada@yahoo.com.br

METODOLOGIA

A partir de várias leituras tanto de teologia pré-socrática quanto de neopentecostalismo podemos encontrar os momentos de intersecção entre as mesmas. Nesse caso, além das leituras originais também nos reportamos a comentadores que nos ajudaram a elucidar as questões pendentes de nossa pesquisa.

Sendo assim, é a revisão bibliográfica e a constante reflexão sobre a mesma que norteia nosso trabalho. Empenhamo-nos para que ele expresse de modo mais válido possível as afirmações aqui feitas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Xenófanes de Colofon², um pré-eleáta, procurou como muitos de seus contemporâneos, estabelecer esse princípio. Filósofo que “viveu na segunda metade do séc. VI e na primeira metade do séc. V”, criticou a religião de sua época e de seus antecessores (MARIÁS, 1987, p.49). “Fez-se famoso com os ataques aos poetas Hesíodo e Homero (OS PENSADORES, 1996, p.65).

Tais poetas legaram ao povo seus escritos, que formaram a base da religião “natural” da Grécia antiga.

Podemos ver sua crítica à religião natural no fragmento que diz que “tudo aos deuses atribuíram Homero e Hesíodo, tudo quanto entre os homens merece repulsa e censura, roubo, adultério e fraude mútua” (DK 21 B 11 in: OS PENSADORES, 1996, p. 70).

Ele acentua ainda essa afirmação no fragmento a seguir: “mas os mortais acreditam/imaginam que os deuses foram gerados, que como eles se vestem e tem voz e corpo” (DK 21 B 14 In: OS PENSADORES, 1996, p.70). Com essa afirmação podemos notar o ataque de Xenófanes com a questão da antropomorfização dos deuses e com a questão de se organizarem também de maneira humana.

Crítica que aparece em outro fragmento em tom de sarcasmo:

Se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos ou fossem capazes de, com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes à dos cavalos, e os bois à dos bois, e fariam os seus corpos tal como cada um deles o tem (DK 21 B 15 In: OS PENSADORES, 1996, p.71).

Para finalizar, nas palavras do próprio Xenófanes: “(o deus) todo ele vê, todo ele pensa, e todo ele ouve” (DK 21 B 24 In: OS PENSADORES, 1996, p. 72). Ou seja, introduz o aspecto de onisciência no seu conceito de divindade. Com tal afirmação, deixa evidente não somente a unicidade e imobilidade da divindade, mas também aspectos pertinentes a ela.

Começaremos agora a fazer a comparação entre as duas teologias. De fato, não queremos propor aqui a ligação direta entre elas, nem mesmo supor o grau de influência da mais antiga sobre a mais recente. Quando dizemos características peculiares de tais teologias não objetivamos demonstrar todas as semelhanças de conceitos existentes nas mesmas. Nem mesmo é necessário que tais religiões analisadas concordem com a análise teológica aqui referida

² Sabemos que Xenófanes foi mestre de Parmênides, que inaugura de modo mais acentuado a escola dos Eleatas, portanto há divergências sobre a inserção de Xenófanes nesse grupo. O que sabemos também é que pelo menos por algum tempo Xenófanes morou naquela região, mas não foi natural de lá. Podemos considerá-lo, portanto, como um predecessor do eleatismo. (OS PENSADORES, 1996, p.66)

Uma palavra há de ser citada antes de seguirmos nesta discussão: projeção. Todavia entenda-se aqui projeção tal qual o termo foi utilizado por Feuerbach³ nos seus tratados sobre a religião. O problema aqui é confundirmos a projeção de Feuerbach com a projeção semelhante, porém não idêntica, de Freud. Este utilizou-se da teoria primeira de Feuerbach para formular a sua, acrescentando os devidos ajustes necessários. A projeção que aqui tratamos é religiosa.

É no teólogo alemão Paul Tillich⁴ que encontramos a base primeira de nossa afirmação: “Esse tipo de raciocínio, naturalmente, faz sentido, e do ponto de vista da filosofia da religião podemos concordar com todas as teorias da projeção tão antigas quanto Xenófanos, que existiu quase seiscentos anos antes de Cristo” (TILLICH, 1999, p.155).

Xenófanos criticou a religião de seu tempo justamente porque ela era mítica, ou seja, era baseada nos mitos e histórias dos grandes poetas, como já foi citado, Hesíodo e Homero. Retomando a análise feita sobre tal pensador podemos ver que ele também criticou o aspecto antropológico de cada religião.

No neo-pentecostalismo, fazer tal afirmação se torna um tanto quanto mais complicada, pois tal fenômeno ainda está ocorrendo. Todavia, há a possibilidade de fazê-lo. Segundo a análise feita por diversos teólogos de nosso contexto⁵, conseguimos notar que na contemporaneidade também cada religião aparenta pregar seu deus de acordo com suas especificidades, sem as quais sua religião não faria sentido ou se fundiria com alguma outra manifestação religiosa. Esta afirmação parece estar evidente através da análise de situações sem as quais um determinado movimento religioso não faria sentido, ou seja, uma projeção própria e única do divino, que só encontrada em determinada ou determinadas religiões, e que demonstram que, nem mesmo dentro das igrejas que são denominadas cristãs, há uma unidade teológica e religiosa. Dentro do Neo-pentecostalismo podemos ver exemplos claros de tais situações:

Como toda dor, num sentido bem amplo, é causada pelo demônio, toda possibilidade de cura está ligada a algum tipo de exorcismo. Porém, para que o exorcismo e a cura aconteçam e sejam eficazes, há de se deixar ou permitir que o universo simbólico da IURD faça sentido, ou seja, de uma forma direta ou indireta que haja a conversão a este universo. Dessa forma, articulam-se num movimento simultâneo as três instâncias de conversão, exorcismo e cura dentro do novo sentido, que se instaura naquele que vive esta experiência religiosa (BONFATTI, 2000, p.49)

No caso da possessão, a doença é causada pela ação direta dos demônios no corpo do possesso. Já no caso das ações não possessivas os demônios agem através de agentes biológicos sobre os quais eles têm poder:

A maneira pela qual os demônios causam as doenças não é difícil de entender. Toda doença tem uma causa e essa causa é sempre um vírus, bacilo, um germe ou uma bactéria que provoca a destruição dos tecidos. Esse agente microscópico se movimenta, age, tem vida. Perguntamos: de onde vem essa vida? De Deus não pode ser, pois ele não é destruidor. Para que esse microorganismo se movimente é necessário que haja uma força dentro dele; um espírito destruidor, e não podemos identificá-lo com nenhuma outra coisa, se não com uma força demoníaca (MACEDO, 2000, p. 102).

CONCLUSÕES

³ Primeiro estudou teologia em Heidelberg e depois foi para Berlim afim de ouvir diretamente Hegel. Viveu de 1840-1872. Para Feuerbach a religião é fator humano, totalmente humano (REALE, 2000, p.171).

⁴ Viveu de 1886 até 1965. Desde a primeira guerra mundial vinha rejeitando a imagem tradicional de Deus ... “recordo que, sob as árvores das florestas francesas, eu lia Assim falou Zaratustra de Nietzsche e essa era a libertação definitiva da heteronominia ...” narra o próprio tillich (REALE, 2000, p.745).

⁵ Para este trabalho ressalta-se a importância do estudo de Paulo Bonfatti: ‘ A expressão popular do sagrado.’

Esse trabalho demonstra a semelhança da projeção religiosa existente desde tempos longínquos até nossos dias, ou seja, demonstra a religião em determinados momentos sempre voltando sua expressão para sua própria mitologia e necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONFATTI, Paulo; **A expressão popular do sagrado**. São Paulo: Paulinas, 2000.

FEUERBACH, Ludwig; **A essência da religião**; Campinas: Papyrus, 1989

MACEDO, Edir; **Nos passos de Jesus**. 13.ed. Rio de Janeiro: Universal produções, 2004.

_____ ; **Mensagens que edificam**. Rio de Janeiro: Universal produções, 2003.

_____ ; **Orixás, Caboclos e Guias**. 15.ed. Rio de Janeiro: Universal produções, 2005.

TILLICH, Paul; **Teologia sistemática**; São Paulo: Paulinas, 1984.

_____ ; **História do Pensamento cristão**; São Paulo: ASTE, 1988.

_____ ; **Perspectivas da teologia protestante nos séc. XIX e XX**; 2ed. São Paulo: ASTE, 1999.